

CAPÍTULO 1

Cada vez que eu olho da janela deste enorme casarão, sinto que a luz do sol continua tão forte quanto sempre foi. Tempo que passou devagar mas causou sequelas profundas em meu coração. Tão profundas quanto esta luz...

E ainda por essa mesma janela, olho para fora, para a outra vida paralela à minha existência. Então, vejo as crianças alegres com suas vozes finas entoando cantigas de roda. Fito meu rosto no espelho... Nele estão as marcas do tempo e dos meus oitenta anos. Tempo que brincou comigo, que passou para mim indelével, que me fez percorrer toda a estrada da vida...

Meu mundo agora é este casarão antigo, outrora um dos mais belos e imponentes de Petrópolis. Um habitáculo que alberga um velho que questiona sua vida. O quanto pude viver! O quanto pude voar!

Olho em minha volta. Todas as lembranças estão vivas em cada canto, cada livro, cada aventura de minha vida, em meu voo... em minha asas de cera.

Estávamos no ano de 1899. Na época eu tinha sete anos de idade. Então meu pai chamou-me até sua biblioteca para sabatinar-me sobre os estudos. Eu estava excitado. Como o admirava e o temia ao mesmo tempo! Sua severidade me dava motivos para isso. Mesmo assim, havia em mim uma ponta de orgulho em entrar naquele lugar onde meu pai passava grande parte do seu tempo.

Fui passando pelos corredores da casa. Muitos vasos de plantas, estátuas gregas, pinturas renascentistas e na minha cabeça a imagem de meu pai. Eu estava feliz em ir lá, falar com ele.

Bati à porta e ouvi um “entre” gritado. Eu abri e lá estava ele. Seu olhar era frio. Empalideci... Ele me disse:

- Você está passando bem, meu filho?
- Claro, papai.
- Então sente-se.

Na biblioteca de meu pai havia um tapete de pele de onça, que recebia sobre si duas confortáveis cadeiras, a de papai era de madeira de lei trabalhada. Três quadros clássicos compunham

ainda mais a atmosfera de superioridade daquele cômodo.

E eu, aquele minúsculo garoto, sentei-me numa daquelas cadeiras e considerei-me ainda mais insignificante...

Uma leve pausa separou-nos. Então meu pai levantou-se de sua cadeira, manso, como num ritual, e pôs-se a andar de um lado para o outro da sala. Papai sempre fora um homem muito calado. Em seu tino comercial, falava-nos apenas o essencial. Ele sempre enxergou além de nós. Então ele me disse:

- Eu ouvi de sua mãe que você está bem adiantado na escola, não é?

- Sim, senhor.

- Você já sabe ler antes da turma?

- Sim papai, não só lia o que podia, como também compreendia perfeitamente.

- Então leia para mim.

Meu pai falou essa frase pondo um periódico da época sobre a mesa. Era um “Jornal do Comercio”.

Comecei a decifrar aquelas minúsculas letras de uma matéria sobre economia. Ele esperou-me lê-la por inteiro, sentado em sua cadeira.

Depois de uma pausa, falou-me, com um leve sorriso:

- Meus parabéns! Você lê muito bem.

- Obrigado!

Esse obrigado foi dito com certa pompa. Estava eu naquele momento feliz em ter agradado meu pai e em fazê-lo orgulhoso de mim.

Nada como o aplauso doméstico para fazer brilhar os olhos de uma criança, ainda mais quando esse aplauso vinha de alguém tão respeitado.

Naquele instante meu pai baixou sua cabeça. Apesar de jovem, viam-se os cabelos grisalhos que brotavam de sua cabeça. Tinha um ar de preocupação e alívio ao mesmo tempo, coisa difícil de se explicar.

Ficamos assim: ele cabisbaixo, curvado sobre sua mesa, e eu a olhá-lo, fixamente, por certo tempo. Até que ele falou:

- Filho, eu fico muito feliz em saber que você se dedica aos estudos. Alegro-me e saber que você é esforçado e que no futuro poderá dirigir a nossa empresa.

O leve sorriso de alguns minutos morrera em seus lábios.

- Você sabe o que é a nossa empresa?

- Não, papai.

- Nós fabricamos e exportamos tecidos para a França, a Inglaterra e os Estados Unidos. Somos a maior empresa têxtil da América do Sul.

Aquela frase que meu pai falou evocava de seu ser tanto poder que me amedrontei. Encolhi-me ainda mais na cadeira. O que sabia um garoto de sete anos sobre o poder? O tom grandioso das palavras do discurso de meu pai me petrificava. Engoli pesadamente a saliva enquanto papai se avizinhou da janela para continuar:

- Eu não vou viver para sempre. Um dia partirei desta vida material. E você, meu filho, terá que assumir o meu lugar. Então me acalmo por saber que você se esforça e poderá suceder-me.

E, após uma de suas frias pausas, ordenou-me peremptoriamente:

- Agora vá e chame sua mãe.

Levantei da cadeira dando uma última olhada em todo aquele cômodo e saí dali deixando-o em sua janela, de costas para a porta. Saí aos pulos, numa pueril euforia, sequer compreendendo o porquê do discurso de meu pai. Inocente. Mas julguei ser algo muito importante para o meu futuro. A maneira pela qual fora proferido aquele discurso fazia-me devanear e aquela tarde já se abria para mim, envolvendo-me de felicidade. Contudo, mal sabia o que me aconteceria no futuro – o futuro que me surpreenderia.

Desci aquela escada. Quadros e mais quadros. A escada de minha casa recebia sobre o jacarandá um lindo tapete vermelho com bordas douradas, bem conservado.

Fui entrando na sala principal de minha casa, aquela linda sala em estilo clássico. Mas não encontrei mamãe lá. Aliás, sequer a encontraria, pois o cômodo era enorme. Em todas as partes havia quadros, móveis, estátuas, tudo para compor um ambiente de aconchego. Ao longe, após alguns instantes, vislumbrei sua silhueta bordando como

lhe era de costume. O pano do bastidor era transpassado pela agulha, que magnetizava a sequência. Ficava admirado em ver a destreza com a qual mamãe riscava a fazenda transformando uma simples linha colorida num belo desenho.

Mamãe, ao ver-me, parou o que estava fazendo e abriu seus braços, envolvendo-me num maternal carinho. Perguntou-me:

- E então meu filho, como foi?

Sua curiosidade... Havia em mamãe um espírito travesso – tal como Pan com sua flauta – que fazia mamãe aguçar-se em sua curiosidade.

Contei-lhe os meus feitos num garbo de infância. Mamãe ouviu-me atentamente e em seu contentamento materno acariciou-me em seus braços.

Em seguida falei-lhe que papai a chamara ao seu gabinete.

Mamãe levantou-se então daquele enorme sofá. Seus gestos maviosos combinavam-lhe numa perfeição de diva – uma senhora que beirava os trinta e poucos anos. Subiu as escadas de nossa casa em direção ao gabinete de meu pai, com sua

elegância de dama que frequentava os antigos bailes da sociedade carioca.

E eu restei naquela sala incontinenti.

Então vi que a porta do hall de entrada estava aberta. E, de súbito, formou-se em mim uma arrebatadora curiosidade e uma enorme vontade de sair daquela sala, vontade que só as crianças têm, daquelas a que não se pode resistir.

Já não era mais eu, e sim, só vontade. Olhei para trás. Não havia ninguém. Deveria assegurar-me disso, pois se mamãe soubesse que eu estava saindo da sala ela me impediria. E eu estava ávido para sair.

Caminhei rapidamente e passei pelo hall. A entrada de minha casa era enorme e a luz do sol me encantava. Então eu comecei a andar pelo caminho que cortava ao meio o jardim da varanda. Nunca vi plantas tão lindas e reluzentes de verdes nuances que me faziam saltar os olhos.

Grande parte da minha infância foi passada em casa. Meus pais tinham medo de que eu saísse, talvez por receio de trocar minha esmerada educação familiar pelos vícios da vida fácil da rua.

Às vezes pegava-me olhando as crianças na rua. Mesmo as pobres pareciam tão felizes... Às vezes me imaginava junto a elas. Mas não podia. Então continuava a restar no meu quarto estudando. Até então não sabia o que era infância...

Enquanto atravessava o jardim de minha casa, avistei o imponente portão da entrada principal.

Após muito caminhar, cheguei até o velho portão. Lembro-me de como me senti tão pequeno ao deparar-me com ele. Abri-o. Rangeu por estar muito velho e desgastado com o tempo. Ao abri-lo por completo, deparei-me com a minha rua. Tudo estava ali: as casas, as crianças... Parecia que sempre estivera ali. Vi-os todos. Transpus finalmente os meus limites. Ah!, que estranha sensação! E ela se chamava liberdade... O céu nunca fora tão azul e nem as nuvens tão alvas. E talvez fosse tudo aquilo o que eu queria naquele momento...

Do portão até a calçada caminhei com medo. Então propus que esta seria minha área limítrofe, numa jura que fiz a mim mesmo de não desobedecer as ordens dos meus pais. Mas eu queria libertar-me do que me sufocava, queria

conhecer pessoas que vivam no mundo exterior, naquele que para mim era pouco conhecido e muito imponderável; logo queria sentir-me eu mesmo, controlar as minhas vontades, não por teimosia ou vaidade, mas pela curiosidade pueril na qual eu me encontrava.

E como o coração infantil é tão volátil às emoções, não custei a ser vencido pela curiosidade, descendo assim da calçada. Ainda virei-me para ver se os meus pais estavam na janela observando-me. Não havia ninguém nem nas janelas, nem na varanda. Deviam eles estar em seus afazeres, pensando que eu estava nos meus.

Então caminhei rua afora, manso, leve, meio constrangido da minha atitude. Mesmo assim, sequer a constância de minha consciência me pararia em minha aventura, que era um deleite de curiosidade, e fazia-me andar, inexperiente, por entre as pessoas, diante das casas, a fim de chegar a um destino incerto.

Esse “destino” era a pracinha de meu bairro...

Era uma bela praça. Suas árvores eram podadas em forma de esculturas. Ofereciam abundante sombra e abrigavam belos banquinhos

brancos de madeira. Na praça havia muitos meninos e meninas, alguns da minha idade, que estavam a brincar alegremente. Eles pareciam mais vivos do que eu. Senti-me, como um velho, ou talvez jovem demais por desconhecer tudo aquilo.

Eu fiquei do lado de fora da pracinha, sequer ousando subir na calçada, olhando as outras crianças. Senti medo de não saber portar-me com todos aqueles meninos e meninas.

Então criei coragem e resolvi entrar. Subi aquela calçada e pus-me a andar. Ora, já me encontrava no meio daquele lugar!

Avistei um banco. Tive receio de sentar porque minha mãe sempre me ensinou a nunca sentar-me naqueles bancos, eles poderiam estar sujos. Mesmo assim sentei-me. Não que quisesse desobedecer meus pais. Mas, estando ali, sentia-me como um observador das outras crianças. Então deveria sentar-me para apreciar suas alegrias. Estava só naquele banco. Era eu uma simples criança vendo as outras divertindo-se. Só não sabia como chegar até elas.

Sentia-me ali como um bobo de alma vazia, tentando aprender a divertir-me. E fiquei parado naquele banco recebendo os raios que o sol

mandava e que eu, em egoísmo ou deleite, pensava que eram apenas para acariciar meu rosto.

Sonhava com a liberdade, quando uma linda garotinha de voz tão meiga aproximou-se de mim e falou:

- Olá!

Era uma linda menina, com seus cabelos claros como os trigueiros europeus e cacheados tais qual os das belas atenienses, lufados pela tímida brisa matinal. Seu rosto belo e sardento se enchia de beleza, num sorriso que me contagiava.

Corei: como poderia eu responder àquela menina linda e desconhecida? Então eu lhe disse:

- Olá!

Um olá seco foi o que consegui responder para aquela menina loirinha, da minha altura e idade. “Como eu me expressaria para com ela para que não percebesse minha falta de jeito?” Ela continuou alegremente:

- Eu me chamo Amanda. Qual o seu nome?

- Victor.

- O que você está fazendo aí, sentado nesse banco sem ninguém para conversar?

“Ora, que intrometida!”, pensei, “querendo saber da minha vida!”. Mas, inexplicavelmente, eu até gostei daquilo. Continuei a conversa, no meu modo lacônico:

- Nada.

- Você sempre fala tão pouco assim?

- Geralmente. E o que você está fazendo?

- Ora, ele perguntou algo! Desse ela, fazendo uma carinha de muxoxo.

Amanda riu, num remoque de deboche. Então, envergonhado, baixei a cabeça. Amanda, percebendo minha falta de jeito, remediou a situação:

- Eu cheguei agora e procuro alguém para brincar. Quer brincar comigo?

Aquela simples pergunta me congelou. Brincar com ela? “Aquela estranha?”, refletia. Como aquela simples pergunta poderia atordoar-me de súbito, fazendo-me vibrar de espanto?

- Sente-se bem, Victor? Disse ela.

Sua voz era doce. Insistiu

- Você quer brincar comigo?

- Sim...

Esse “sim” exprimiu toda a minha coragem com uma mescla de medo; sentia que havia desobedecido meus pais. Sabia que não poderia sair daquela forma de casa e nem brincar com estranhos. Mas não sabia porque aquela menina havia-me cativado a fazê-lo.

A face da menina corou subitamente. Seus olhos se coloriram num azul cristalino. Sua felicidade infantil era traduzida pela sua boca que, rápida e docemente, ia formando um sorriso. Ela estava linda e eu percebi isso. Senti vontade de brincar com ela até o fim da minha vida. A alegria dela estava sendo transportada para mim e eu a recebi em felicidade. Que sentimento era aquele que eu sentia? Alegria, espanto ou coleguismo? Eu não conseguia definir.

Aos poucos, comecei a sorrir até mais que ela e falar tudo o que vinha à minha mente. A fala estava presa em meu “eu” e por mais que eu falasse, mais vontade de falar eu tinha.

Então, para espanto dela, desci do banco e juntos pusemo-nos a fazer as mais variadas brincadeiras. E o tempo que passava me era esquecido.

Minh'alma regozijava-se com as brincadeiras. Parecia eu estar brincando com uma antiga conhecida! Sentia-me como um novo Victor. E talvez fosse aquilo o que eu queria. Meus pais estavam tomando de mim a infância e desfechando em mim uma carga enorme de atribuições. Não era um menino mas sim um senhor. Não nasci para viver como criança, mas como um herdeiro capaz de administrar as tecelagens. E isso não era o que eu queria naquele momento.

Tal regozijo experimentava naquelas brincadeiras que estando meus pais frente a mim, não os reconhecia naquele momento. Sentia uma leve fadiga de tanto correr. Já estava todo suado: meu suspensório não estava em meus ombros; meus sapatos me provocavam dores nos pés, suportáveis mas incômodas; meu boné já havia caído ao chão várias vezes. Minha face de alva tornava-se vermelha. Vermelha e suada.

Contudo não me importava. O que me importava era que eu estava feliz. Como explicaria

aos meus pais o estado em que me encontrava? Não sabia! O importante era que eu estava me divertindo, numa atitude que me era nova.

Amanda era uma menina endeusada por sua beleza física e interior. Aquela simples menina conseguia unir simplicidade com felicidade. Tanta era minha alegria, que apenas olhando-a e ouvindo sua doce voz sentia-me feliz.

Mas foi então que senti uma mão pesada em meu ombro. Olhei para trás e ouvi um “Muito bonito!”. Aquela voz grossa... Meu pai, acompanhado de mamãe.

Então caí em mim e sequer Amanda me reanimaria. Senti voltando em meu espírito todo o peso que a menina havia retirado. Empalideci! Amanda amedrontou-se ao ver-me daquele jeito e perguntou-me se eram meus pais. Mas de minha boca não obtive resposta, obtendo sim da voz compreensível de mamãe:

- Sim querida, nós somos os pais dele.
- E quem é você?
- Sou Amanda de Castro, senhora.

A menina pronunciou aquela frase graciosamente. Mesmo cansada com todas as brincadeiras, não perdera seu encanto. Logo após, mamãe despediu-se da menina com um sorriso de carinho. Ela simpatizou-se com Amanda.

E Amanda, dirigiu-se a mim, falou apenas “até logo” e beijou de leve a minha face.

Eu a olhei por segundos e tomei rapidamente sua mão direita. Falei-lhe um até logo cheio de sentimento para a comoção de minha mãe e espanto do meu pai. Então nos olhamos rapidamente. Dei-lhe as costas e, junto com meus pais, retornei para casa...

Minutos depois, descansava da maior sova de minha vida!

X

X

X

No dia seguinte, após papai ter saído para a fábrica, aproveitei o momento do café da manhã para conversar com mamãe sobre os meus sentimentos. Ela, de súbito, ficou um pouco estarrecida, mas em seguida deu uma gargalhada

desconcertante. Logo fiquei arrependido por ter-lhe contado. Abaixei a cabeça de vergonha. Percebendo a minha falta de jeito ela disse:

- Somente com uma “saidinha” você já arrumou uma namoradinha?

Então eu falei: Não é bem isso... Eu gostei dela e senti que ela também gostou de mim.

- Diga-lhe apenas que gosta dela e que ficou muito feliz em conhecê-la. Agora vá brincar...

Aquele diálogo com mamãe tirou um peso da minha consciência, pois tinha medo de não ser compreendido.

Criei coragem para declarar meus sentimentos a Amanda e pus-me a ir até a pracinha. Ela estava lá, parecia que havíamos combinado aquele encontro. Sentei-me ao seu lado. Baixei a cabeça num leve sorriso e quando levantei ouvi-a apenas falar:

- Você sorri muito bonito!

Seria apenas um elogio ou algo a mais? Ah!, não me importava o que fosse, estava decidido a dizer que gostava dela.

Então aproximei-me e pus a mão em cima das suas, mas o medo tomava conta de mim.. Ela olhou-me profundamente... O medo aumentara... Que difícil! Como as palavras não conseguiam sair! Algo bloqueava a minha fala, mas num grande esforço consegui dizer:

- Amanda, eu quero dizer-lhe que... que eu me sinto bem perto de você, mas não somente como uma coleguinha, e sim como algo mais forte...

Nos olhamos muito profundamente... Então, criei coragem e falei:

- Eu te amo!

Os dias se sucederam rotineiramente.

A pedido de mamãe, papai contratou um professor particular, o Sr. Ângelo, que vinha diariamente à minha casa, a fim de ensinar-me as matérias de meu currículo escolar.

Como era zelosa a minha mãe! Ainda me lembro dela, falando-me sobre a decisão de meu pai...

Não sei porque não fui estudar na Europa! Antigamente, a maioria dos pais de famílias ricas

da sociedade brasileira custeavam o estudo de seus filhos na Europa. Eu, estranhamente, restei aqui, aprendendo, ainda pequeno, as coisas de meu país.

Uma vez, minha mãe surpreendeu meu professor e eu numa aula de literatura, nos jardins de minha casa, interpelando-nos:

- O que vocês estão estudando?

Sua curiosidade aguçou-a numa pontada que não podia conter. E eu, levantando minha boina e me ofuscando com a luz do sol, respondi-lhe pomposo:

- Literatura, mamãe.

- E o que leem? Perguntou.

- “Senhora”.

Falou o Sr. Ângelo, entregando-a o tal livro. Era ele um senhor calvo, meio corcunda. Seus olhos já estavam cansados do peso dos óculos e sua voz soava cansada com o peso do magistério, que tanto consome a gorja dos mestres tal qual o velho tenor ou aquele que abusa da paciência das cordas vocais.

Mamãe recebeu o livro e olhou-o, interessada. Folheou-o e, após ler algum trecho, falou:

- Não conheço! Quem é o autor?
- José de Alencar. Disse-lhe o Sr. Ângelo.
- Filho do Senador?
- Sim, Dona Rebecca.
- Pensei que se tratasse de uma literatura...

Sr. Ângelo rebateu:

- De certo, minha senhora. É uma literatura de nosso país.

Mamãe calou-se confusa. Tentava entender o porquê do professor investir num livro que não fosse de um escritor inglês ou francês. Despediu-se de nós e saiu, calada.

O Sr. Ângelo sorriu com o canto esquerdo da boca, como lhe era de costume. Depois, olhou-me e, ainda com o livro nas mãos, falou-me:

- Se não dermos valor às coisas de nossa terra, quem dará? E entregou-me o livro.

Em minha época a literatura era um privilégio das camadas mais abastadas. Poucos tinham acesso a esse mundo maravilhoso. E os poucos circuitos literários cultuavam Byron, Shakespeare, Victor Hugo ou Rimbaud. Mas eu tive o privilégio de ler romances de vanguarda brasileira. As tardes, quando o Sr. Ângelo voltava para sua casa, restava-me um tempo livre, após cumprir as obrigações escolares de casa.

Os dias, naqueles tempos, pareciam durar mais e o tempo parecia ser mais complacente e passava devagar.

Certo dia, o sol batia forte no jardim de minha casa, numa tarde de primavera... Via aquilo tudo da janela de meu quarto... Era-me tudo tão convidativo...

Deixei, minha álgebra em meu livro que então havia fechado. Após passar e repassar o lápis sobre ele, fui saindo daquele cômodo, vagarosamente.

Ao caminhar escada abaixo, fui apressando o passo, como se tivesse medo de que algo fugisse de mim.

Na “salle de séjour”, avistei o hall e, já correndo, adentrei a varanda. Não havia eu, durante todo esse percurso, visto meus pais. Mas não me importava com isso. Queria abraçar toda aquela “tela” que via, na frente de minha casa.

E, no meio do jardim, parei: Levantei os braços para receber a luz do sol... Então, lembrei-me de Amanda...